

## TRADIÇÃO IMPRESSA DE *CORPO DE BAILE*<sup>1</sup>

Tereza Paula Alves Calzolari (UFRJ)

### RESUMO

Passados dez anos da estréia em livro, Guimarães Rosa publica, em 1956, pela então Livraria José Olympio Editora, *Corpo de Baile* e *Grande sertão: veredas*. A primeira obra sofreu modificações consideráveis em sua organização ao longo das três primeiras edições, que o autor, falecido em 1967, conheceu. Dividido inicialmente em dois volumes, *Corpo de Baile* foi reeditado em volume único, em 1960, e em três volumes autônomos, quando da terceira edição: *Manuelzão e Miguelim* (1964), *No Urubuquaquá, no Pinhém* (1965) e *Noites do sertão* (1965), passando a figurar *Corpo de Baile* como subtítulo.

As novelas, que se relacionam entre si inclusive por meio da migração de personagens, tiveram ainda sua classificação apontada nos índices – *Corpo de Baile* apresenta um índice de abertura e um de conclusão – paulatinamente alterada, perdendo-se denominações, invertendo-se outras, e, por um provável descuido da editora, acrescentando-se novas falhas as já existentes ao longo do tempo, o que só foi sanado na edição comemorativa dos cinquenta anos da obra, publicada pela Editora Nova Fronteira em 2006.

Com este trabalho, objetivamos destacar algumas das alterações empreendidas em *Corpo de Baile* e analisar suas implicações no projeto original da obra. Veremos assim em que medida tais modificações prejudica(ra)m a compreensão da obra como um todo, como um só corpo que é.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa, *Corpo de Baile*, Edição, Crítica Textual

O presente trabalho constitui um desdobramento das reflexões apresentadas na I Semana Nacional de Crítica Textual e Edições de Texto, realizada na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, em fevereiro do ano corrente. Na ocasião, analisamos algumas das principais transformações sofridas por *Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa, desde a primeira edição (1956), empreendida pela José Olympio, até a publicação comemorativa do cinquentenário, pela Nova Fronteira, em 2006.

A comparação se deteve sobretudo nas diferentes classificações das narrativas – novelas, poemas, romances e contos, “Gerais” e parábases –, distribuídas na folha de rosto e nos dois índices, locali-

---

<sup>1</sup> Uma versão deste texto foi apresentada no XI CNLF, em agosto de 2007, na UERJ.

zados, respectivamente, na abertura do primeiro volume e ao final do segundo. Ao longo da tradição impressa, as nomenclaturas, de suma importância para a compreensão da obra como um todo, conforme veremos, foram pouco a pouco se perdendo. Até a edição comemorativa, que busca recuperar o projeto original da obra, a edição mais recente deixa de fora algumas delas quando não as confunde. Merece destaque ainda o fato de a obra, que em 1956 se apresentava em dois volumes e quatro anos depois em volume único, ter se tripartido na terceira edição, passando o título original, *Corpo de Baile*, a figurar como subtítulo dos volumes independentes: *Manuelzão e Miguilim* (1964), *No Urubuquaquá, no Pinhém* (1965) e *Noites do sertão* (1965).

Retomamos aqui o problema da organização de *Corpo de Baile*, acrescentando à discussão os critérios para a escolha do texto de base. Conforme sabemos, o texto de base ou texto-base é aquele adotado na edição crítica, de preferência o do manuscrito do próprio autor ou, na falta deste, o “testemunho não autógrafa que lhe esteja mais próximo” (*Glossário...*). Segundo a escola anglo-saxônica, a escolha deveria basear-se na edição mais antiga, reservando-se, no entanto, “ao editor o direito de emendar o texto a partir de outro testemunho que pontualmente considere melhor” (*Glossário...*). A corrente francesa, contudo, defende a chamada última vontade do autor, isto é, a utilização da última edição feita em vida do autor como texto de base.

Em 1923, Gustave Rudler já escrevia não ser possível a aceitação da “suposta” última vontade do autor como critério de seleção para o texto de base. Afirmava constituir a verdadeira forma de uma obra “aquela que lhe emprestou a tradição” (Laufer, 1972: 9). Roger Laufer, cerca de cinquenta anos depois, sublinha restringir-se a noção de última vontade do autor a seu caráter legal, não devendo, portanto, ser evocada fora desse âmbito. Motivos de diferentes ordens levariam, enfim, o autor a alterar o texto.

De acordo com a lei de 11 de março de 1957, relativa à propriedade literária e artística, o autor é dotado de autoridade moral e patrimonial sobre sua obra. Dentre outros direitos, portanto, encontram-se os de arrependê-lo e retratá-lo, o que pode acabar lhe custando caro, devido ao contrato assinado com o editor.

Não chegamos a imaginar de que maneira poderia um editor científico opor-se a vontade de um autor vivo; já o editor comercial pode pressioná-lo multando-o, fazendo-o pagar integralmente ou em parte os preços das modificações introduzidas no seu texto após a entrega do manuscrito definitivo (Laufer, 1972: 8)

Muito provavelmente não foi o caso de *Corpo de Baile*. É fato, no entanto, que as razões motivadoras das experimentações estruturais realizadas nas segunda e terceira edições, como atesta a correspondência trocada com o tradutor italiano Edoardo Bizzarri, tem por objetivo único a comercialização da obra.

Em carta de 03/01/1964 a Bizzarri, o escritor, após anunciar a tripartição do livro, assim a justifica e a edição anterior:

Sairá, agora, no decurso de 1964, uma nova edição do “CORPO DE BAILE” – a 3ª. A novidade é que ela vai ficar sendo em 3 volumes. Três livros, autônomos. A idéia já me viera, há tempos. Comecei por “vendê-la” aos editores na França e em Portugal, que se convenceram depressa das vantagens, e concordaram. E, por fim, consegui, facilmente, aliás, que o José Olympio também a esposasse. De fato, o “Corpo de Baile” vinha sendo prejudicado pelo “gigantismo” físico. A 1ª edição, em 2 volumes, unidos, pesava já. Arranjamos então a 2ª num volume só, mas teve de ser de tipo minúsculo demais, composição cerrada. E o preço caro, além de não ficar o livro convidativo. Agora, pois, ele se tri-faz. (ROSA, 2003: 119-120).

Pensando *Corpo de Baile* em termos estruturais, a partir do já exposto, arriscaríamos ser a terceira edição a escolha acertada para o texto de base, uma vez que expressaria a última vontade do autor. De maneira ainda a ratificar a opção, salientaríamos o fato de o próprio Rosa ter sugerido a divisão do livro em três volumes. No entanto, refletindo acerca da estrutura conscientemente projetada da obra indicada nas edições anteriores, somos levados a eleição bem diferente.

Em 1956, conforme dissemos, *Corpo de Baile* chega às livrarias, seccionado em dois volumes. Na folha de rosto de ambos, temos a primeira indicação da natureza de texto que encontraremos encontrar, novelas. A seguir à folha de rosto, epígrafes de Plotino e Ruysbroeck O Admirável, além do ““Côco de festa”, do Chico Barbós”, distribuem-se por três páginas. Findas as epígrafes, deparamo-nos com o primeiro índice da obra, no qual os textos, classificados na folha de rosto como novelas, são agora chamados poemas. Abaixo da nova denominação, listam-se as narrativas: “Campo Geral”, “Uma Estória de amor”, “A Estória de Lélío e Lina”, “O Recado do Morro”,

“Lão-Dalalão (Dão-Lalalão)”, “Cara-de-Bronze” e “Buriti”, nessa ordem. Dos sete poemas, apenas os três primeiros dispõem-se no volume.

Ao final do segundo volume, ao lado da última página de texto, concluindo o livro, temos o segundo índice de *Corpo de Baile*. Nele, as novelas e/ou poemas recebem novas classificações: romances e contos, “Gerais” e parábase. São designados de romances e “Gerais”: “Campo Geral”, “A Estória de Lélío e Lina”, “Dão-Lalalão” e “Buriti”; de contos e parábase: “Uma estória de amor”, “O Recado do Morro” e “Cara-de-Bronze”.

Dos sete textos, apenas três, “Uma Estória de Amor”, “O Recado do Morro” e “Cara-de-Bronze”, apresentam epígrafes próprias, posicionando-se, de maneira intercalada no primeiro índice, como a segunda, quarta e sexta estórias. São também os únicos textos classificados como parábase e contos, no segundo índice. Portanto e desde já, levantamos dois dados bastante claros relativos à estrutura de *Corpo de Baile*.

Guimarães Rosa, no projeto original do livro, reforçou conscientemente a flutuação entre diferentes gêneros. Os textos são novelas, poemas, alguns romances e “Gerais”, outros contos e parábase. Logo, fica evidente a preocupação do autor em salientar tais classificações e sua relação com o todo da obra que, não à toa, se chama *Corpo de Baile*.

Um segundo aspecto digno de nota se refere ao diálogo entre os dois índices e, portanto, a importância de sua manutenção, bem como da seqüência em que se acham as narrativas. Não é demais lembrarmos que muitas personagens migram de um texto para outro. O menino Miguilim de “Campo Geral”, primeira novela de *Corpo de Baile*, por exemplo, ressurgue em “Buriti”, a sétima e última narrativa, como o adulto Miguel, fechando o ciclo de estórias.

No ano de lançamento do livro, nomes como Raquel de Queiroz e José Lins do Rêgo manifestaram-se publicamente quanto às diferentes denominações conferidas aos textos pelo próprio autor, chamando a atenção dos leitores para tal particularidade. O mesmo fez Paulo Rónai em artigo intitulado “Rondando os segredos de Guimarães Rosa”.

Romper barreiras, fronteiras entre gêneros, formas, realidade e ficção, parece ser mesmo um traço marcante de *Corpo de Baile*. Ao opor, por exemplo, “Gerais” à parábase, no segundo índice, coloca frente a frente um plano maior e uma especificidade, o todo, a visão do conjunto, e a pausa para a reflexão.

A parábase, parte estruturante da Comédia Antiga, como sabemos, suspende a ação da trama para chamar os espectadores à realidade, levá-los a pensar e repensar a questão levantada. Do mesmo modo que a parábase interrompe a ação em busca da reflexão, quando o a(u)tor despe sua máscara, as três narrativas-parábase se posicionam exatamente interrompendo as outras quatro no momento em que entre elas se intercalam.

Conforme ainda Rosa e Bizzarri: “Assim como ‘*Uma Estória de Amor*’ tratava das estórias (ficção) e ‘*O Recado do Morro*’ trata de uma canção a *fazer-se*, ‘*Cara-de-Bronze*’ se refere à POESIA. (Rosa: 2003: 93)

Poesia, ficção, música, as idéias-norte dos contos, e igualmente norteadoras de *Corpo de Baile*, manifestam-se no título, na folha de rosto e nos dois índices, o que remete de imediato à fulcral importância da estrutura original da obra para a sua compreensão. Conforme já salientamos, a partir da terceira edição tal estrutura vai pouco a pouco se deteriorando, classificações caem e são trocadas, erros grosseiros são reproduzidos nas edições posteriores. Até mesmo a edição comemorativa do cinquentenário, na busca da recuperação da forma original de *Corpo de Baile*, falha ao deixar de fora a denominação de novela, presente na folha de rosto da primeira edição.

Assim sendo, consideramos a primeira edição a melhor escolha para figurar como texto de base para a edição crítica da obra. Por representar com maior fidelidade o projeto do autor para o livro, o princípio da corência textológica sobrepõe-se sobre a chamada última vontade do autor que, conforme vimos, se prestava à razões de cunho meramente comercial.

Como conclusão desta comunicação, chamamos a atenção de todos para a importância de se buscar uma edição confiável para qualquer leitura que se faça, ainda mais se o objetivo de tal leitura visa ir além do mero entretenimento. Um simples descuido da edito-

ra, a reimpressão de uma edição com muitas falhas, gralhas editoriais podem prejudicar em muito a compreensão de uma obra, pondo não raras vezes por terra, inclusive, o projeto original do autor.

## BIBLIOGRAFIA

CALZOLARI, Tereza Paula Alves. “Corpo de baile: da imprensa à universidade”. In: *Nas pegadas de Manuelzão – A trajetória do protagonista de “Uma estória de amor”, de João Guimarães Rosa*. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro: 2004.

*GLOSSÁRIO de Crítica Textual*. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/cpg/editexto/ct/glossario.htm> Acesso em: 04/04/2007

LAUFER, Roger. *Introdução à Textologia*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

QUEIROZ, Raquel de. “Corpo de baile”. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1956.

REGO, José Lins do. “Corpo de baile”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 13 de março de 1956. p.2.

RÓNAI, Paulo. “O segredo de João Guimarães Rosa”. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 10 de junho de 1956.

ROSA, Guimarães. *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

———. *Corpo de Baile*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

———. *Corpo de Baile*. Edição comemorativa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

———. *Manuelzão e Miguilim*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

———. *No Urubuquaquá, no Pinhém*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

———. *Noites do sertão*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

———. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

SPAGIARI, Barbara, PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.